



EU SOU A LENDA

RICHARD MATHESON

<http://groups.google.com/group/digitalsource>



EU SOU A LENDA
de
RICHARD MATHESON

PARTE I: Janeiro 1976

CAPÍTULO 1.

EM DIAS NUBLADOS COMO AQUELE, Robert Neville nunca estava certo quanto ao pôr-do-sol.

Se ele fosse um pouco mais analítico poderia calcular o tempo para a chegada da noite, mas ainda estava habituado a consultar o céu para isso, e nos dias nublados este método não funcionava.

Por isso, escolheu permanecer próximo de casa.
Caminhou na débil luz do fim de tarde com um cigarro pendurado no canto da boca,
deixando a fumaça trilhar seu caminho, sobre seu ombro.

Verificou cada janela, procurando uma moldura que estivesse partida.

Após tantos ataques violentos, a madeira começava a partir-se e ele tinha que consertá-la; um trabalho que odiava fazer.

Viu que uma das pranchas fora arrancada. Não é maravilhoso? Pensou.

Checou a estufa e o tanque de água nos fundos. Algumas vezes a estrutura ao redor do tanque se via enfraquecida, ou os colhedores de chuva se dobravam ou quebravam.

Às vezes, pedras que eram arremessadas sobre a cerca alta ao redor da estufa rompiam as redes aéreas e ele tinha que substituí-las.

O tanque e a estufas estavam bem hoje. Voltou a casa para pegar o martelo e alguns pregos. Assim que empurrou a porta da frente, viu-se no reflexo distorcido do espelho rachado que tinha prendido à porta um mês atrás. Em poucos dias, partes irregulares do vidro começaram a cair. Deixem que caia, ele pensou. Era o último maldito espelho que colocava lá; não valera a pena. Em seu lugar, colocaria alho.

O alho sempre funcionou.

Cruzou o silêncio da sala de estar virando à esquerda no pequeno corredor e à esquerda novamente para o seu quarto de dormir.

Uma vez aquele quarto estivera decorado de forma a ser aconchegante, mas fora em outro tempo. Agora era apenas um quarto funcional e uma vez que a cama de Neville e a escrivaninha ocupavam pouco espaço, transformou todo o resto em um depósito.

Uma longa prateleira corria toda a parede. Sobre ela havia uma serra pesada, um torno de madeira e uma roda de esmeril. Na parede estavam racks com as ferramentas que Robert Neville utilizava.

Tomou um martelo e selecionou alguns pregos de um dos escaninhos.

Então foi para fora e pregou a prancha à moldura da janela.

Jogou os pregos que não utilizou em um entulho.

Passou um tempo parado ali, olhando a extensão silenciosa da Rua Cimarron.

Ele era um homem alto, trinta e seis anos, ascendência anglo-saxônica, de traços comuns, exceto pelos lábios determinados e o azul dos olhos que agora se moviam contemplando os restos carbonizados das casas em cada lado da rua.

Ele as havia queimado para evitar que alguém pulasse sobre sua casa usando os telhados vizinhos.

Depois de poucos minutos, deu um longo suspiro e voltou para dentro.

Largou o martelo no sofá da sala e, pegando um cigarro, foi preparar seu drinque do meio-dia.

Depois daria um jeito na cozinha, no lixo que se acumulara ali nos últimos cinco dias. Sabia que devia queimar os pratos de papel e os utensílios, tirar o pó dos móveis, lavar a banheira e o toailete e trocar os lençóis e a fronha do travesseiro sobre sua cama, mas não sentiu vontade.

Ele era homem, estava sozinho e estas coisas não tinham tanta importância assim.

Já era quase de tarde. Robert Neville estava na estufa, colhendo um balde de alho.

No início ele ficava doente com aquele cheiro e seu estômago ficava sempre revirado.

Agora, o cheiro estava pela casa, impregnado nas suas roupas e às vezes ele pensava que sua pele cheirava a alho. E ele mal percebia.

Quando tinha colhido o suficiente, voltou para casa e jogou-os no escorredor da pia.

Assim que pressionou o interruptor, a luz acendeu-se, trêmula, depois ficou normal.

Um silvo escapou entre dentes.

Era o gerador de novo.

Teria que sair e verificar o maldito manual outra vez e ver a fiação.

E, se era fosse complicado reparar, teria que instalar um gerador novo.

Irritado com aquilo, pegou uma faca e sentou-se em um tamborete junto da pia.

Primeiro separou as cabeças de alho e os dentes rosados, depois os cortou pela metade, expondo seu interior. O ar fino se encheu com aquele odor pungente.

Quando ficou insuportável, ligou a unidade de ventilação, afastando o pior dali.

Alcançou um picador de gelo. Perfurou ao meio de cada metade de dente, unindo-os por um fio até completar vinte e cinco colares.

No começo tinha pendurado estes colares sobre as janelas. Mas eles jogavam pedras à distância, até que se viu forçado a cobri-las com placas de madeira compensada.

Finalmente, um dia ele havia coberto todas elas desse jeito.

Tinha feito da casa um sepulcro sombrio, mas era melhor do que ter pedras atravessando sua sala em jorros de lascas de vidro.

E, uma vez que instalou três unidades de ar condicionado, até que não ficou tão ruim.

Um homem pode se acostumar a tudo, se não tiver outro jeito.

Quando terminou com os colares de alho, saiu e pregou-os sobre a moldura das janelas, arrancando os antigos, que tinham perdido seu cheiro poderoso.

Tinha que repetir este processo duas vezes por semana. Até que achasse algo melhor, esta seria sua primeira linha defensiva.

Defesa? pensou. De quê?

Passou toda a tarde fazendo estacas.

Cortava cavilhas em comprimentos de quinze centímetros. Depois, no esmeril, fazia com que as extremidades ficassem tão pontudas quanto dardos.

Era um trabalho cansativo e monótono e que enchia o ar com o pó de madeira queimada, que se fixava nos poros da pele e no pulmão, fazendo-o tossir.

Apesar disso, nunca era o bastante. Não importa quantas estacas fizesse, elas acabavam logo. E estava cada vez mais difícil encontrar cavilhas. Eventualmente teria que usar outro tipo de madeira.

Aquilo tudo o deprimia e o obrigaria a encontrar um outro jeito. Mas como podia pensar se não tinha tempo para tal?

Enquanto trabalhava, ouvia, pelos alto-falantes que instalara ali, a terceira, a sétima e a nona sinfonia de Beethoven.

Graças a sua mãe, aprendera de cedo a apreciar este tipo de música que tanto o alegrava, além de ajudá-lo a encher o terrível vazio das horas.

Das quatro horas em diante, sua atenção se voltou para o relógio na parede.

Trabalhava em silêncio, os lábios pressionados, o cigarro no canto da boca, os olhos olhando fixamente o bocado de pó de madeira que se depositava no assoalho.

Quatro e quinze, quatro e trinta, quinze para as cinco.

Daí a uma hora os bastardos asquerosos estariam em volta da casa.

Assim que a luz do dia se fosse.

Foi buscar sua ceia no congelador gigante.

Seus olhos entediados passeavam sobre peças de carne congelada, vegetais, pães, bolos, frutas e sorvetes.

Escolheu duas costeletas de cordeiro, feijão-de-fava e um suco de laranja em caixa.

Fechou a porta do freezer com o ombro.

Foi até onde pilhas de latas de conservas chegavam ao teto e escolheu uma lata de molho de tomate. Deixou o lugar que uma vez fora dormitório de Kathy e hoje pertencia ao seu estômago.

Lentamente, passou pela sala de estar, observando a parede dos fundos coberta por um tapume. Pintado nele, um penhasco subindo do oceano verde azulado, gaivotas brancas surfando no vento e à direita uma árvore próxima ao precipício, com galhos negros contra o céu.

Entrou na cozinha, jogando os alimentos sobre a mesa. Seus olhos procuraram o relógio.

Vinte para as seis. Faltava pouco.

Colocou um pouco de água numa panela e então a levou a uma das bocas do fogão. Quando a água começou a ferver, jogou as favas congeladas dentro da panela e a cobriu.

O mau funcionamento do gerador provavelmente se devia ao fogareiro elétrico.

À mesa, cortou duas fatias de pão para si e serviu-as com molho de tomate.

Sentou-se, olhando o ponteiro de segundos vermelho no mostrador do relógio.

Os bastardos apareceriam em breve.

Depois de ter terminado seu molho de tomate, andou até a porta da rua e saiu. Pisou no gramado e andou até a calçada.

O céu estava escurecendo e a temperatura caía. Olhou para cima e para baixo da Cimarron Street, a brisa fresca mexendo seu cabelo louro. Aquele era o problema com os dias nublados; você nunca sabe quando viriam.

De qualquer modo, eram melhores do que as malditas tormentas de poeira.

Deu de ombros e voltou para casa, ocupando-se em bloquear a porta atrás dele, colocando uma fina barra de ferro atravessada em seu lugar.

Voltou à cozinha, acabou de preparar as costeletas e apagou o fogo.

Colocava a comida no prato quando parou. Seus olhos encontraram o relógio.

Seis e vinte. Ben Cortman gritava:

-Sai de casa, Neville!

Robert Neville sentou-se, suspirou e começou a comer.

Sentado na sala, tentava ler.

Preparara um uísque com soda em seu bar minúsculo e, segurando o copo gelado, lia um texto sobre fisiologia. Do alto-falante junto à porta do corredor, fluía a música de Schonberg.

Não tão alta o suficiente, é claro. Ainda os ouvia do lado de fora, os murmúrios, passos e gritos, brigando e xingando.

Às vezes uma pedra ou tijolo acertava a casa. Às vezes um cão latia.

E era sempre a mesma coisa.

Robert Neville fechava os olhos por um momento e comprimia os lábios.

Então abria os olhos e acendia um cigarro, deixando a fumaça penetrar-lhe os pulmões.

Queria ter tempo para deixar a casa à prova de som. Seria melhor se não precisasse ouvi-los. Depois de cinco meses aquilo começava a dar nos nervos.

Ele nunca olhava para eles.

No começo, fazia buracos na porta para observá-los.

Mas por uma vez, algumas mulheres perceberam e passaram a fazer gestos insinuantes como se quisessem atraí-lo para fora. Ele não precisava daquilo.

Fechou o livro e olhou desolado para o tapete, ouvindo Verklarte Nacht vindo do estéreo.

Podia colocar tampões de ouvido para não ouvi-los, mas com isso também não ouviria a música. E não seria forçado a isso por eles.

Fechou os olhos novamente. As mulheres tornavam as coisas difíceis, as mulheres agiam como bonecas lascivas na noite, esperando convencê-lo a sair.

Estremeceu.

Toda noite era a mesma coisa. Começava a ler e ouvir música e começava a pensar em tornar a casa a prova de som e estava pensando nas mulheres.

Seu corpo se aquecia febril e pressionava os lábios até perderem a cor. Conhecia bem a sensação e enfurecia-se por não poder combatê-la. E aquilo ia ficando pior até não poder ficar mais sentado.

Talvez se ele ligasse o projetor de filmes ou comesse algo ou se enchesse de bebidas ou aumentasse o volume da música tão alto a ponto de doer seus ouvidos.

Tinha que fazer alguma coisa quando a coisa ficava realmente ruim!

Sentiu os músculos de seu abdômen contraídos como molas.

Pegou o livro e voltou a ler, lendo cada palavra lenta e dolorosamente.

Mas logo o livro estava em seu colo de novo.

Olhou para a estante de livros. Todo o conhecimento guardado naqueles livros não podia apagar o fogo que o consumia, séculos de palavras não satisfaziam o desejo irracional em sua carne.

Compreender esse fato o deixava doente.

Era um insulto ao homem.

Está certo que fazia parte de sua natureza, mas não havia mais lugar para isso.

Eles o forçaram ao celibato e tinha que viver assim.

Você tem um cérebro, não tem? Perguntava-se. Então use!

Aumentou o volume da música e obrigou-se a ler uma página inteira sem parar.

Lia sobre células vermelhas e membranas, linfas e nódulos linfáticos, sobre linfócitos e células fagocitárias.

“... no vazio, na região à esquerda, próxima ao tórax, em uma grande veia do sistema circulatório.”

Fechou o livro com um golpe.

Por que não o deixavam em paz? O que esperam conseguir? Será que eram tão estúpidos? Por que continuavam a aparecer todas as noites? Depois de cinco meses, deviam ter ido embora, tentar em outro lugar.

Foi até o bar e preparou outro drinque.

Assim que voltou para sua cadeira, ouviu as pedras rolando pelo telhado e acima de todos os sons, ele ouvia Ben Cortman gritando como sempre:

-Sai de casa, Neville!

Algum dia eu pego este bastardo, pensou, dando um gole longo e amargo.

Um dia eu cravo uma estaca bem no meio do peito dele!

Farei uma estaca especial para ele, de um metro, uma especial, com fitas, maldito!

Amanhã. Amanhã ele faria a casa à prova de som.

Não agüentava mais pensar naquelas mulheres. Talvez se não as ouvisse, não pensasse nelas.

Amanhã, amanhã.

A música chegou ao final e ele pegou alguns discos e guardou-os em suas capas.

Agora dava para ouvi-los mais claramente lá fora.

Pegou um novo disco e colocou-o no aparelho, aumentando o volume ao máximo.

‘O ano da praga’, de Roger Leie, encheu seus ouvidos.

Violinos subiam em lamentos, tímpanos como um coração moribundo, flautas estranhas, melodias atonais.

Num acesso de raiva, arrancou o disco quebrando-o no joelho direito. Devia ter feito isso há muito tempo. Marchou para a cozinha e atirou seus pedaços na lata de lixo e então ficou parado na escuridão, de olhos fechados, dentes cerrados, as mãos cobrindo os ouvidos. Me deixem em paz... me deixem em paz, me deixem em paz!

Não adiantava tentar acertá-los de noite. Nem valia a pena tentar. Era a vez deles.

Seria estupidez tentar. Poderia assistir a um filme, mas não, não tinha vontade de ligar o projetor. Iria para cama então, colocar os tampões de ouvido e tentar dormir.

Era o que acabava fazendo, todas as noites.

Rápido, sem pensar em mais nada, foi para o quarto e despiu-se.

Vestiu a parte de baixo dos pijamas e foi ao banheiro.

Nunca usava a parte de cima, era um hábito que adquirira no Panamá, durante a guerra.

Viu-se ao espelho enquanto se lavava. Contemplou o peito largo e a cruz tatuada nele, durante uma noite de bebedeiras no Panamá.

Que louco eu era naquele tempo! Pensou.

Bem, talvez a cruz tivesse lhe salvado a vida.

Escovou os dentes com cuidado e usou fio dental. Tentava conservá-los em bom estado, pois agora ele era seu próprio dentista.

Algumas coisas podem ir mal, mas não a sua saúde.

Então, por que ele não largava de vez a bebida?

Por que não vai pro inferno? Pensou em seguida.

Voltou à sala para apagar as luzes. Por poucos minutos olhando para o tapume, tentou acreditar que era realmente um oceano.

Mas como ele conseguiria isso com tantos gritos e grunhidos noturnos?

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

